

DOS APLAUSOS ÀS RUÍNAS: UMA CONSTRUÇÃO DAS MEMÓRIAS DO TURFE NO HIPÓDROMO DA CIDADE DO RIO GRANDE/RS

Recebido em: 30/10/2013

Aceito em: 12/04/2014

*João Francisco Santana Xavier*¹

*Gustavo da Silva Freitas*²

Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Rio Grande – RS – Brasil

*Luiz Carlos Rigo*³

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

Pelotas – RS – Brasil

RESUMO: Este trabalho visa a construir algumas memórias do turfe praticado no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. Colonizada por imigrantes europeus, a cidade produziu um estilo de vida à moda daquele continente, sendo o turfe no hipódromo uma marca dessa presença no cenário esportivo. Com base na história oral, foram realizadas quatro entrevistas com pessoas que ocuparam diferentes posições de trabalho entre as décadas de 60 e 90 do século XX: um jôquei, um treinador, um tesoureiro e um dos presidentes. Nessa construção foi possível apontar que: a) o hipódromo é considerado como uma espécie de templo para os depoentes, algo sagrado que se confunde com suas próprias vidas; b) no funcionamento do hipódromo, aconteciam duas práticas distintas: a corrida e a aposta; c) o seu fechamento esteve vinculado a fatores que iam desde a falência econômica do local, até a mediação do turfe com novos formatos de apostas.

PALAVRAS CHAVE: Memória. Atividades de Lazer. Esportes.

FROM THE APPLAUSE TO THE RUINS: A CONSTRUCTION OF MEMORIES OF TURF IN RIO GRANDE/RS CITY'S HIPPODROME

ABSTRACT: This paper aims to build some memories about the turf practiced in the hippodrome in the city of Rio Grande/RS. Settled by European immigrants, the city produced a lifestyle similar to the style of that continent, and the turf at the hippodrome was a great presence in the sports scene. Based on oral history, four interviews were conducted with people who have occupied different positions, working between the 60 and 90 from the twentieth century: a jockey, a trainer, a banker and one of the presidents. In this production it was possible to point out that: a) the hippodrome is

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Professor Assistente do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e doutorando Educação em Ciências (FURG).

³ Professor Associado da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), atuando na graduação e na pós-graduação.

considered as a kind of temple to the deponents, something sacred that merges with their own lives; b) two distinct practices happened at the hippodrome, each with its operating modes: racing and betting; c) its closure was linked to factors ranging from the economic demise of the place and the media coverage to the turf with new betting formats.

KEYWORDS: Memory. Leisure Activities. Sports.

INTRODUÇÃO

[...] eu tenho paixão pelo turfe, por isso eu digo que eu não posso nem olhar pra lá, cada batida que aquelas máquinas dão lá parece que me toca no coração [...]. (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jojóia – 4/5/2012).

Compreendendo que o conhecimento histórico é imprescindível na formação de professores (GOELLNER, 2012) e pensando que a história contribui para conhecer o presente e a nós mesmos – tanto em termos culturais quanto econômicos, geográficos e políticos –, lançamos um olhar para uma das práticas esportivas significativas da sociedade brasileira, a qual ocupou um espaço de protagonismo num tempo e não noutro: o turfe.

Assim, os estudos históricos terão uma possibilidade maior de contribuir efetivamente com a Educação Física brasileira, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer do tempo, lançando luz nas discussões contemporâneas, e, diriam alguns, até mesmo contribuindo no perspectivar do futuro. Mas isso de forma alguma significa que a História se presta a conceder lições de moral, a buscar heróis ou bandidos ou a programar o futuro e se constituir em uma verdade ‘absoluta/inquestionável’. (MELO, 1997, p. 4).

Nessa esteira, as análises sobre os acontecimentos acerca do turfe e suas relações com a sociedade são tomados aqui a partir de um plano microsocial em que a história é alimentada pela memória (GOELLNER, 2003). Tal perspectiva não desconsidera aquilo que já foi produzido sobre o turfe, no entanto não pretende universalizá-lo, uma vez que a constituição de memórias está relacionada à produção de identidades culturais de indivíduos, grupos sociais, instituições e nações (DELGADO, 2010).

No Brasil, o turfe teve importante papel na transição para o esporte moderno, aparecendo com centralidade na formação do esporte nacional, sendo, inclusive, usado como modelo na formação de clubes e centros esportivos, como assinalou Lucena (2001) em seu estudo referente ao Rio de Janeiro. Para Melo (2010), o turfe durante muito tempo gozou de grande prestígio. A estrutura e a organização deste esporte, por certo, foram a inspiração de outras agremiações que, no início de suas atividades, copiaram seu regulamento.

O esporte na cidade [o turfe] inicialmente foi visto com uma prática recreativa trazida da Europa e bastante apreciada por nações, que, no momento, estavam se expandindo em busca de novos mercados consumidores, passando por grandes transformações como a Inglaterra e a França. Essas atividades foram introduzidas por funcionários de empresas estrangeiras, principalmente inglesas que aqui se instalaram. (LUCENA, 2010, p. 272).

A cidade do Rio de Janeiro é tida como o berço do turfe brasileiro pela construção, em 1849, do Prado Fluminense, instalado no bairro de São Francisco Xavier, na antiga capital nacional. Por outro lado, os estados da federação que mais possuíam hipódromos em funcionamento no início do século XXI eram São Paulo, com quatro, e o Rio Grande do Sul, com 13 prados em atividade (MELO, 2007)⁴.

Na capital gaúcha, o turfe tem na sua história relevante sentimento regional, marcado nas relações sociais entre homem e espaço, importante componente da cultura gaúcha e presente em muitos casos⁵, músicas e poesias tradicionalistas. As “carreiras”⁶, por exemplo, são provas marcantes do envolvimento da sociedade gaúcha com esse esporte, situação que pode estar vinculada às relações de convívio no trabalho

⁴ Dados de 2004.

⁵ Causo, histórico, conto. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/causo>. Acesso em: 21 jan. 2013.

⁶ Tomamos por carreiras “as corridas de cavalos ocorridas em cancha reta. Quando participam da carreira mais de dois parceiros, esta toma o nome de penca ou Califórnia. Por parceiros entende-se o cavalo preparado para a disputa de carreiras”. Cavalo de corrida. Deve provir de parceira, já que a maioria das corridas realizadas anteriormente no Rio Grande do Sul era apenas de dois cavalos (MACHADO, 2012, p. 63).

rural entre cavalo e homem, que a transformam em uma demonstração de poder. É uma parceria entre homem e cavalo, que por vezes tem a intenção de mostrar a superioridade, a posição de poder, quando o cavalo é o símbolo da força, de velocidade e beleza (LUCENA, 2001) – e quanto mais supera seus adversários, maior é o reconhecimento do proprietário perante a sociedade.

Na região sul, a corrida de cavalos é uma das disputas mais comuns, pois, para que aconteça, basta apresentarem-se dois competidores, desafiando-se. Esse evento, conhecido como carreiras, ou chamada pelos peões⁷ de “pencas”, reúne a comunidade local em alguns lugares arranjados como, por exemplo, as “carreiras por rapadura”, que acontecem em campo aberto no fim da campareada⁸, ou as “carreiras de domingo” que acontecem na estrada em frente aos bolichos⁹ dos vilarejos de interior, ou ainda as “carreiras de desafios”, que acontecem paralelamente às festas das grandes fazendas.

No meio de tanto gosto pelo cavalo, pela possibilidade do jogo (aposta), pelo sentimento competitivo, aliado à ideia do turfe como um esporte moderno, no sentido que assinalam Elias; Dunning (1992) e Melo (2007)¹⁰, aparece o Derby Club¹¹, que na sua origem traz um formato moderno de apostas, com um forte sentido econômico para

⁷ “Nome dado ao trabalhador rural nas estâncias gaúchas” (MACHADO, 2012, p. 101).

⁸ “Andanças pelo campo para verificar o estado das cercas, das sangas e dos animais. Façanha.” (MACHADO, 2012, p. 62).

⁹ Casa de negócios de pequeno sortimento e de pouca importância. Bodega ou armazém. Disponível em: <http://www.portalgaucho.com.br/?pg=15&dic=29rução>. Acesso em: 13 fev. 2013.

¹⁰ Melo (2007) define esporte como: “[...] um fenômeno da modernidade, que, mesmo apresentando similar técnica com antigas práticas corporais, possui sentidos e significados completamente diferenciados daqueles jogos ‘pré-esportivos’” (p. 67-68), apresentando características marcantes a partir do século XVIII, como: organização; calendário próprio; corpo técnico especializado; e ao seu entorno gera um enorme mercado.

¹¹ “Fundado em 1885, no Rio de Janeiro, um dos clubes mais importantes do turfe nacional, por bem expressar mudanças e tensões que ocorriam no âmbito das elites, com uma diretoria diferente do Jockey Clube, com novas formas de apostas, buscando novas alternativas de fonte de renda procurando expandir e modernizar o esporte, deixando-o mais atrativo, mais rentável e, conseqüentemente, aumentar o patrimônio dos hipódromos brasileiros e, ainda, estabelecia alianças com outros clubes, uma estratégia de moralização do turfe nacional.” (MELO, 2007, p. 50). O Derby Clube carioca passa a ser modelo e referência para os demais prados brasileiros no que tange à sua operacionalidade de sistema de apostas e administração.

a prática, elitizando os prados pela presença da alta sociedade. Assim, surgem nas cidades gaúchas os hipódromos, Jockey Clubes ou Prados, sendo este último referência ao espaço gramado que fica no centro da pista, destacando as pradarias, vegetação predominante da região sul do Brasil. Geralmente, as pistas nesses locais possuem forma oval, de areia ou grama, e a estrutura contempla arquibancadas, sala para reunião, salão de festa, bilheteria, guichê de apostas, bar e outras dependências que compunham o espaço destinado às carreiras de cavalos.

Faz-se importante esclarecer que, ao consultarem-se dicionários da língua portuguesa, também se pôde encontrar o emprego como sinônimos dos conceitos de *hipódromo* e *prado*. De acordo com Bissón (2008), o termo *prado* teve sua origem em razão das amplas áreas verdes onde eram construídos os hipódromos no estado do Rio Grande do Sul. Em função disso, os frequentadores começaram a denominar esses locais de prados, já que todos eles se situavam em meio a campinas planas, cobertas de pastagens. (PEREIRA; SILVA; MAZO, 2010, p. 2).

Para Melo (2010), os hipódromos são locais que constituem um patrimônio construído por nossos antepassados que merecem ser resguardados, inclusive, pelo impacto que ocasionam na memória da sociedade.

Ao construir as memórias do turfe praticado no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS, não temos a intenção de fazer comparações com outros locais, tomando outras histórias já contadas deste esporte como referências, mas empreender e fazer falar uma memória sob o olhar local. Rio Grande é a mais antiga cidade do estado do Rio Grande do Sul e foi fundada em 19 de fevereiro de 1737, colonizada por diversos povos, entre eles, os luso-brasileiros, espanhóis, ingleses e alemães. Na ocupação da cidade, é importante que pensemos com o trabalho de Pereira; Silva; Mazo (2010), os quais mostram que a história do turfe em Porto Alegre, desde sua gênese, parece ser indissociável da presença luso-brasileira na cidade. Sendo assim, compreende-se por que determinados hábitos, costumes e tradições acabaram por ser transferidos ao contexto dessa prática esportiva. Sabemos que a cidade riograndina reúne, na sua

colonização, portugueses e ingleses, estes considerados por Melo (2010) os precursores do fenômeno das corridas de cavalos.

A cidade do Rio Grande/RS é constituída por empresas e pessoas que demarcam a forte presença dos imigrantes ingleses. Podemos citar essa presença observando a construção do balneário Cassino¹², com chalés que copiam a arquitetura inglesa. Também são exemplos a linha de ferro que ligava o balneário à cidade e o porto marítimo, que era a entrada da Inglaterra, a qual possuía vários acordos comerciais com o Brasil e com papel importante na economia local. Assim, a emergência das práticas esportivas modernas e, especificamente do turfe, também ocorreram a partir desse *ethos* europeu que vigorava na cidade e na região em meados do século XX.

A sociedade riograndina fundou seu hipódromo no dia 29 de junho de 1922, mantendo suas atividades até o final da década de 90, com o seu fechamento. Hoje, o espaço físico do hipódromo é representado pela pista oval, pelas ruínas do *paddock*¹³, das arquibancadas, das tribunas, da *photochart*¹⁴, do salão de festas, da bilheteria, e pelas cocheiras que foram invadidas por populares, que as transformaram em moradias.

¹² Inventado no fim do séc. XIX, o bairro-balneário Cassino foi se configurando como um local destinado a prazeres e divertimentos de uma elite que residia na cidade do Rio Grande/RS e região, principalmente famílias de origens alemã, italiana, inglesa e portuguesa. Chamado inicialmente por Villa Siqueira, teve o nome alterado para Cassino por ter abrigado uma casa de jogos de azar até meados do séc. XX.

¹³ Local próximo aos estábulos, próprio para a preparação dos cavalos antes das corridas.

¹⁴ Local construído na linha de chegada, onde ficavam os fotógrafos e os árbitros, e que servia para consolidar os resultados das provas.

O restante da área foi vendido através de um leilão¹⁵.

Para este trabalho, temos a intenção de operar com a oralidade, privilegiando a memória daqueles que, de alguma forma, estiveram envolvidos com o turfe praticado no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. A partir de memórias locais, poderemos contribuir para a construção de uma historiografia específica do turfe brasileiro.

OS NARRADORES E A PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Para a realização da pesquisa, decidimos utilizar como metodologia a história oral, em sua vertente “temática” (MEIHY; HOLANDA, 2011). Nessa perspectiva, a história oral pode ser concebida como uma opção teórica e metodológica, que responde “a um sentido de utilidade prática, social e imediata”, mas não se esgota “[...] no momento de sua apreensão, do estabelecimento de um texto e da eventual análise das entrevistas” (MEIHY; HOLANDA, 2011, p. 19).

Entre as singularidades constituintes dessa metodologia, salientamos a maneira peculiar com que a história oral concebe a relação entre sujeitos-pesquisadores e sujeitos-pesquisados. Como destaca Portelli (2010),

[...] a narração oral da história só toma forma em um encontro pessoal causado pela pesquisa de campo. Os conteúdos da memória são evocados e organizados verbalmente no diálogo interativo entre fonte e historiador, entrevistado e entrevistador. Este assume um papel diferente daquele que em geral é atribuído a quem realiza pesquisas de campo: mais do que recolher

¹⁵ As ruínas do hipódromo foram vendidas após decisão judicial que concretizou a negociação através de um leilão. Uma empresa do setor de construção civil comprou a área em 2001. Na ocasião, foi reconhecido que a importância histórica do imóvel se limitava às edificações existentes (tribuna, *paddock* e *photochart*), que deveriam ser restauradas pela empresa. O ajustamento definiu as obrigações da empresa e do município quanto às questões de desmembramento da área, destinação de área funcional e alteração do regime urbanístico, de modo a possibilitar a construção de conjuntos habitacionais de casas populares do programa do governo federal Minha Casa Minha Vida. Por ocasião da compra, a empresa não tinha autonomia para desapropriar o hipódromo, reconhecido como patrimônio histórico pela Lei Municipal nº 5.358, de 13 de outubro de 1999. No entanto, em 26 de maio de 2009, a área do antigo Jockey Club do Rio Grande teve sua utilização regulamentada, através de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), firmado entre o Município do Rio Grande e a empresa compradora, por intermédio da Promotoria de Justiça local. Fonte: Jornal Agora, n. 9.883, de 17 de março de 2011.

memórias e performances verbais, deve provocá-las e, literalmente, contribuir com a sua criação: por meio de sua presença, das suas perguntas, das suas reações. A diferença cultural entre pesquisador e narrador sujeita este último a estímulos imprevistos, força-o a explorar setores e aspectos de sua experiência que geralmente não são mencionados quando ele conta histórias ao seu círculo imediato. (p. 19).

Os narradores trazidos aqui contam suas histórias partindo de um contexto no qual fizeram ou ainda fazem parte. As memórias, portanto, não são produzidas a partir de um olhar externo dos acontecimentos narrados, mas sob um olhar participante, que carrega nos seus contos elementos pessoais, que diferenciam das histórias de outros que também ocuparam o mesmo tempo e espaço, dando conta, assim, do princípio da individualidade da memória, apontado por Portelli (1997).

Para a construção deste trabalho foram entrevistados¹⁶ quatro sujeitos que participaram de atividades no hipódromo riograndino, preferencialmente diferenciadas pelas funções exercidas e pelos espaços em que transitaram na maior parte do tempo.

Para a escolha do primeiro depoente, partimos de uma revisão em um jornal local¹⁷, a qual apontou para o Sr. Caco, jóquei, e que ainda mora no hipódromo. A escolha dos outros entrevistados – um tratador de cavalos, um tesoureiro e um presidente – respondeu à ideia de “rede” (MEIHY; HOLANDA, 2011), ou seja, como uma parcela da “colônia” que, neste caso, é composto por todos aqueles que vivenciaram o turfe no hipódromo riograndino. Optamos por escolher o entrevistado seguinte a partir de algum nome circulante na fala do anterior e, assim, sucessivamente.

¹⁶ As entrevistas foram realizadas com gravador digital de voz e aparelho de mp3, transcritas, revisadas pelos depoentes com posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual autorizou seu uso pleno e a identificação nominal dos participantes.

¹⁷ A escolha do jornal foi casual. Durante o processo de pesquisa, deparamo-nos com uma reportagem sobre o hipódromo da cidade do Rio Grande/RS, na qual foram mencionadas algumas pessoas que lá fizeram história (Jornal Agora, n. 9.883, de 17 de março de 2011). Após fazer a leitura da reportagem, identificamos o senhor V. P. Silva (Caco) como um possível depoente, uma vez que ele era citado na matéria.

O primeiro, como dito, foi o Sr. V. P. Silva (Caco), assim nominado por ser a forma como os jóqueis são conhecidos. O depoente, de 57 anos, trabalha no hipódromo desde os 10 anos. Inicialmente, trabalhava como cavalição¹⁸, iniciou a profissão de jóquei com 16 anos, perfazendo assim mais de 47 anos dentro do Jockey Clube riograndino. Mantém uma hospedaria nas antigas cocheiras do hipódromo, local em que foi realizada a entrevista.

O segundo depoente, Luis Carlos Lima, conhecido como Jojóia, iniciou como jóquei em 1948 na Vila da Quinta¹⁹, e se aproximou do turfe no hipódromo em 1958, onde atuou como tratador de cavalos e criador até o fechamento do local, totalizando mais de 40 anos no hipódromo. Jojóia ainda possui um acervo de documentos e fotos do hipódromo, os quais foram utilizados durante a entrevista.

A terceira entrevista foi realizada com José Carlos Bravo, de 74 anos. Dono de uma rádio na cidade, iniciou o convívio social no hipódromo em 1948, aos 10 anos, incentivado pelo pai. Foi expectador, apostador, participou ininterruptamente da diretoria do hipódromo por mais de uma década como tesoureiro. Afastou-se do hipódromo na década de 1980, mas por várias vezes foi homenageado com Grandes Prêmios em seu nome.

Por fim, entrevistamos o Sr. Marley Rodrigues de Oliveira, comerciante de 66 anos, que foi presidente do Jockey Clube na década de 1980. Iniciou como turfista²⁰ aos 18 anos, incentivado por um amigo e criador de cavalos. Como presidente, atuou por dois mandatos (final da década de 1980 e início da década de 1990), conheceu vários hipódromos na América e na Europa. Participou de encontros internacionais e

¹⁸ Homem de cavalição; empregado ou peão de estábulo, responsável por cuidar dos cavalos.

¹⁹ Distrito da cidade do Rio Grande/RS, localizado às margens da BR-392, entre os municípios de Rio Grande/RS e Pelotas/RS.

²⁰ Turfista, segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2010), significa pessoa aficionada pelo turfe.

presenciou o grande prêmio em homenagem à Rainha da Inglaterra. Foi o precursor da disponibilização de um local para apostas através das corridas de cavalos transmitidas pela televisão. Dono de uma tabacaria no centro da cidade, Sr. Marley teve fundamental importância na história do hipódromo, sendo o penúltimo presidente da diretoria do hipódromo da cidade do Rio Grande/RS.

As narrativas provocadas mostram um hipódromo carregado de histórias, não só pela matriz do trabalho, mas principalmente a partir dos vínculos afetivos estabelecidos com o lugar. Como era esperado, os olhares diferenciados sobre o mesmo local dão conta de narrar um cenário em que interesses individuais disputam espaço com questões coletivas, mostrando as tensões em que a prática do turfe acabou se constituindo.

Veremos a seguir um pouco desses tensionamentos através de três notas que tratam: a) do hipódromo considerado como uma espécie de templo para os depoentes, algo sagrado que se confunde com suas próprias vidas; b) do funcionamento do hipódromo, das tentativas de (des)regulamentação do seu estatuto e da ocorrência de duas práticas distintas no local: a corrida e o jogo; c) das causas para o fim do hipódromo vinculadas a um conjunto de fatores, desde a falência econômica do local, até a midiaticização do turfe pela televisão com novos formatos de apostas.

NOTAS SOBRE UM TURFE RIOGRANDINO

Da noção do hipódromo como templo: amálgama de vidas e sentimentos

A primeira nota que emerge das entrevistas dá conta de falar do hipódromo como um espaço considerado como algo sagrado, uma espécie de templo para os depoentes. Nesse sentido, trazemos a visão daquele lugar como um tipo de patrimônio de memória social, que está além das lembranças das corridas de cavalos. O lugar

produz nos depoentes recordações que aprofundam o sentimento de imbricação entre vida pessoal e a própria história do hipódromo. Tal configuração permite que o hipódromo seja tomado como um espaço de memória, nomeado por Almeida (2010) como aquele local que assume uma função de guardião das memórias locais, da memória de uma comunidade e de uma prática cultural/esportiva.

Se tu me perguntasse se eu acreditaria que um dia destruiriam o hipódromo de Rio Grande, eu responderia que isso não aconteceria. Eu duvidei que fossem destruir o nosso hipódromo, [...] me diz se antes de vender este patrimônio se eles não deveriam ter considerado a história deste lugar [...]. (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jójóia – 4/5/2012).

[...] Nós trazíamos o hipódromo como um brinco, era o orgulho da sociedade, quando corríamos o grande prêmio cidade do Rio Grande no mês de fevereiro, vinham pessoas de vários locais do Brasil até de fora do país, um espaço que sempre foi elogiado pelos visitantes, sempre foi bem cuidado, o hipódromo foi um dos melhores hipódromos do interior do país. Havia atividades todos os fins de semanas. [...] (Entrevista – Sr. Marley Rodrigues de Oliveira – 16/6/2012).



Foto 1: Grande Prêmio Rio Grande, década de 1970
Acervo do Sr. Luis Carlos Lima, Jójóia. Imagem obtida durante a entrevista – 4/5/2012

Esse *templo* abrigava rotineiramente, sob suas construções, pessoas com diferentes histórias e sonhos, pautados em expectativas segundo seus interesses e demarcados pelas suas condições sociais (classe, profissão, etnia, sexo, idade, nacionalidade, entre outras). Cada turfista trazia um sentimento de comprometimento que aflorava com os acontecimentos do hipódromo, tendo a possibilidade, mediante concorde e convite da diretoria, de exercer funções no local, de acordo com os conhecimentos pelos quais se destacava no cotidiano da cidade (um bom contador, por exemplo, poderia virar tesoureiro, desde que com o aval da diretoria). O hipódromo era um microcosmo da cidade riograndina, dando reconhecimento aos que àquele espaço pertenciam e, por efeito, agregavam valores sociais aos cargos que ocupavam.

No Prado eu fui tudo, só não fui presidente. Comecei a participar das atividades do hipódromo indo com meu pai a partir dos dez anos de idade. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

Para participar e compor uma sociedade turfística, inicialmente, o público era extremamente seletivo. Para entrar na sociedade, deveria haver uma indicação do candidato e, para compor a diretoria, o cidadão deveria pertencer por um bom tempo à sociedade turfística e ainda ter uma referência, uma importância social na cidade. O cargo na diretoria do hipódromo promovia o cidadão dentro da sociedade riograndina.

[...] Pessoas que merecem o nosso respeito. E todos que passaram pela diretoria do Jockey Clube eram pessoas escolhidas a dedo para serem presidente e tesoureiro do Jockey Clube. Infelizmente nos últimos dez anos faltou um pouco mais de empenho da diretoria. Neste tempo eu estava mais dedicado à criação de cavalos, participava das decisões, mas pelo conselho do Jockey Clube. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

No entanto, a formação do público que prestigiava as corridas de cavalo não acontecia exclusivamente nem pela elite, nem pela sociedade riograndina. Como cidade pesqueira e portuária, era comum ver a presença de pescadores, trabalhadores de embarcações e caminhoneiros como apostadores do turfe no hipódromo. Este

diferenciado público errante, muito relacionado com as particularidades da cidade, apareceu na fala do tratador de cavalos:

[...] Muitas pessoas e muitas jogavam [...] O hipódromo domingo recebia os caminhoneiros que vinham de fora da fronteira, todos vinham trazer carga para o porto e ficavam assistindo e jogando aqui no hipódromo [...]. (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jojóia – 4/5/2012).

O hipódromo riograndino, apesar de receber pessoas de diferentes classes e profissões, era regido e normatizado por uma legislação que buscava atender os interesses da diretoria/sociedade local. Para os depoentes, o respeito às normas, aos regulamentos e aos critérios organizados e determinados por quem compunha a diretoria do Jockey Clube foram fundamentais para a manutenção e a permanência das atividades no hipódromo. Lucena (2010) destaca a importância da regulamentação desse esporte que, no início do século XX, o diferenciava dos antigos esportes, por acontecer em estabelecimentos estruturados e organizados, estipulando prêmios previamente divulgados, constituindo uma prática moderna de esporte social. Ao tratar sobre a criação de normas e a elaboração de um rígido regulamento do hipódromo riograndino, Jojóia responde:

[...] mas no ano de 1961 passei a ser só treinador. Mas antes disso eu cuidava e corria, depois fiquei só de treinador. O Jockey Clube tinha um regulamento que dizia que o Jóquei não podia ser o treinador [...] O motivo seria porque como o próprio homem que cuidava e corria, tu teria uma forma de fazer o que quisesse com os cavalos entendeu? [...]. Pra evitar isso a diretoria determinou que o Jóquei não pudesse montar o seu próprio cavalo. [...] O cavalo chegava atrasado, era suspenso. Cavalo puxado era suspenso. Se faltasse um quilo e meio para o jóquei era desclassificado. A pessoa, para ser tratador, tinha que ter pelo menos cinco cavalos sob sua responsabilidade. Com as cocheiras ocupadas e com os cavalos correndo. (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jojóia – 4/5/2012).

O turfe, quando chegou à sociedade brasileira, apareceu como uma prática recreativa, outra característica apontada pelos depoentes. Lucena (2010) mostra que as práticas de entretenimento trazidas da Europa logo se transformaram em novas

possibilidades lucrativas a serem exploradas. A sociedade moderna desatou, em torno dos hipódromos, bairros com residências que abrigavam o público participante do seu funcionamento, criando uma rede de dependências econômicas construídas pelas pessoas do bairro com o hipódromo, as quais se alternavam entre ocupar o espaço para lazer e/ou para local de fonte de renda, os “sem sorte”²¹:

[...] Todas as pessoas desta foto tinha uma fonte de renda direta e indiretamente dependiam do Jockey Clube. Pessoas desprotegidas da sorte que tinha no Jockey Clube uma fonte de sobrevivência. A única coisa que essa gente sabia fazer era cuidar cavalos, devia haver mais ou menos em torno de 200 pessoas trabalhando indiretamente no Jockey Clube. Pessoas que dependiam diretamente das corridas que ocorriam no hipódromo. Essas pessoas eram pessoas que não tinham condições de viver, não tinham estudo, não havia trabalho, então dependiam do hipódromo. Eles gostavam de estar em volta dos cavalos e dessa forma nos ajudavam, eu sempre tive quatro ou cinco ajudando-me a cuidar dos cavalos [...]. (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jójóia – 4/5/2012).

[...] Não, mas eu, desde guri, sempre peguei a trabalhar numa cocheira só, [...] acabei montando uns 15 anos para este outro proprietário. Depois ele morreu, aí eu fiquei assim, cuidando e montando, aí montava pra todo mundo. [...] (Entrevista – Sr. V. P. Silva, Caco – 14/4/2012).



Foto 2: Conjunto (jôquei e cavalo) campeão do Grande Prêmio Rio Grande, na década de 1970
Acervo do Sr. Luis Carlos Lima, Jójóia. Imagem obtida durante a entrevista – 4/5/2012

²¹ Expressão utilizada pelo treinador de cavalos Luis Carlos Lima (Jójóia), quando se referia às pessoas que não tiveram acesso a estudos e à profissionalização, encontrando no hipódromo um local de possibilidades lucrativas e/ou de lazer.

Dentro do hipódromo riograndino, segundo os depoentes, existiam fatores que geravam efeitos na vida da sociedade, tais como: a dependência econômica que o espaço produzia; as relações de interesse/amizade marcadas pela forte ingerência de um modelo esportivo; a promoção de destaque social aos participantes; entre outras.

Além disso, como observam Pereira; Silva; Mazo (2010), havia no meio urbano uma necessidade de afirmação de um *ethos* moderno e europeu, sendo que os Jockey Clubes representavam um lugar que afirmava esse ideário. Além dos cidadãos comuns, eles eram frequentados por pessoas consideradas ilustres, como empresários, jornalistas, intelectuais e políticos. Assim, nos dias de corrida, era possível identificar, entre o público, roupas e chapéus sintonizados com a moda europeia.

O hipódromo aparece na fala dos depoentes como um espaço a ser explorado, mas também um lugar que pode ser simultaneamente rentável e prazeroso. Para aqueles que estavam na diretoria ou que conviveram intensamente com o esporte, o trabalho ali realizado não era somente pelo amor ao turfe ou pelo o hipódromo, mas pelas possibilidades de negócio que naquele meio se promoviam.

[...] o criador do cavalo, é os stud book²², leva o nome do haras pelo país, além de garantir 10% dos prêmios até a morte do cavalo, ou seja, o cavalo não é mais teu, mas tu continua ganhando comissão. Foi quando eu comecei a olhar as carreiras de uma forma diferente, eu era turfista, ia ao prado, trabalhar na diretoria e só, quando eu me dei conta poderia ganhar um bom dinheiro como criador. [...]. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

As relações estabelecidas em torno das atividades do Jockey Club riograndino, a partir da fala dos depoentes, parecem transitar entre interesses econômicos (negócios) e produção de amizades. Não sendo excludentes, eram aspectos que se alimentavam entre si, pois ao mesmo tempo em que relatam vantagens oriundas da criação de

²² É conhecido como o órgão que se ocupa de elaborar e guardar os registros dos cavalos Puro Sangue Inglês (PSI), selecionado por cruzamentos para a prática do turfe. Cada cavalo tem sua genealogia e campanha nos hipódromos compilada nos livros dos Stud Books. É o registro histórico do animal, desde o nascimento até a sua morte. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

cavalos, das apostas, fazem questão de mencionar *o que ficou* após o fechamento do local:

[...] Uma coisa muito boa, só tinha amizade. Com tudo que pode acontecer com o jogo, a disputa, a competição, só ficou a amizade. (*Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012*).

O hipódromo potencializa aspectos da socialização, em que não se pode descartar determinado nível de competição. Vencedor e vencido convivem diariamente, e frequentemente se alteram as posições. Vencer as corridas, ganhar os páreos, era o objetivo de todos os turfistas, mas para isso não bastava apenas possuir um excelente cavalo montado por um bom jóquei. Existia ainda o conhecimento do proprietário e do treinador nas características do animal e de como ele corre. Com isso, também se faz importante conhecer as peculiaridades das pistas e o clima, fatores que interferem diretamente no resultado da prova e que todo turfista deveria considerar.

Em Rio Grande/RS, uma das características físicas do hipódromo que deveria ser levada em consideração para vencer páreos era o terreno da pista, constituída por areia misturada com pó de carvão para deixá-la mais leve. Essa característica, inclusive, era reconhecida como fundamental para recuperação de cavalos que se encontravam com problemas musculares.

A raia do hipódromo de Rio Grande possui uma cor acinzentada, [...] vinha das cinzas do trem, o pessoal recolhia aquelas cinza e misturava com a areia, com a intenção de deixar a raia mais macia e os cavalos estavam acostumados com o saibro quando chegavam aqui estranhavam a pista que era bem mais leve do que a raia de saibro. [...] (*Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012*).

Aqui no hipódromo havia uma pista que curava os cavalos [...] vinham com boletos inchados, mancos, e curavam-se aqui, alguns criadores tinham cocheiras no Cassino e levavam os cavalos pra lá pra fazerem o tratamento aqui, nossa raia era milagrosa, não era uma raia dura. [...] (*Entrevista – Sr. Marley Rodrigues de Oliveira – 16/6/2012*).

Como um amálgama de vidas (ilustres, “sem sorte”), sentidos (lazer, trabalho) e relações (amizade, negócios), o hipódromo é tido pelos depoentes como uma espécie de lugar sagrado, pois enxergam nessa história grande parte de suas próprias trajetórias.

Do funcionamento do hipódromo

Com a intenção de credibilizar cada vez mais o turfe do hipódromo riograndino, a diretoria do Jockey Clube promoveu a organização dos regulamentos, instituindo àquele espaço um formato profissional do turfe. Dessa forma, dava aos participantes a possibilidade de prover as suas vidas com as corridas de cavalos, encontrando nesse meio um local a ser aproveitado como lazer e explorado profissionalmente.

Pra você ter uma ideia da organização do Jockey Clube, os jóquei e treinadores eram autônomos para montar, mas nós recolhíamos os impostos para que eles não ficassem desamparados e tivessem direito a aposentadoria. [...]. *(Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).*

Para entender o turfe como algo profissional, era necessária a elaboração de uma regulamentação, assim como atas e reuniões. Tais ações, segundo os depoentes, tinham por objetivo assegurar a integridade da diretoria, deixando de forma inquestionável a organização das corridas e das apostas. Esse estatuto foi se adequando conforme as necessidades e as responsabilidades jurídico-sociais do hipódromo com a comunidade e seus funcionários. Algumas normas eram de responsabilidade da diretoria, outras, no entanto, eram pautas de reuniões registradas em atas.

[...] tudo era regulado pelo estatuto. Nós tivemos um grande prêmio da cidade do Rio Grande e venceu o cavalo Umbu, do Dr. Suson de Porto Alegre, mas foi desclassificado. O prêmio foi passado para o cavalo Laquero, que era nosso aqui de Rio Grande. Naquela época eram observados os papéis do cavalo, que tinham que estar regularizados, e se houve qualquer problema ele

era desclassificado. O estudo de book funcionava bem [...]. (*Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012*).

O turfe no hipódromo, apesar de ser rígido e ter uma diretoria que fiscalizava a atitude dos turfistas, utilizando o regulamento como ferramenta para esse controle, sofria com as tentativas e estratégias de descumprimento das normas para a conquista das vitórias. Essas tentativas de escapar às regras se davam pelas alterações nos pesos dos jóqueis ou ainda no contrabando de cavalos vindos do Uruguai, que aqui eram documentados e treinados.

O Pereirão, dono do Gido René, ele tinha uma tala de chumbo pesando 8 kg, e quando terminava a prova ele se abraçava ao jóquei e trocava a tala e depois é que ficávamos sabendo. [...] (*Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012*).

Tivemos aqui também uma época que recebemos cavalos vindos do Uruguai, para treinamento e tratamento, animais que vinham de contrabando, atravessavam o rio a nado e morriam dois ou três e outros seguiam campanha, e era assim. [...] (*Entrevista – Sr. Marley Rodrigues de Oliveira – 16/6/2012*).

Na rotina do hipódromo, segundo os depoentes, além dos trabalhos de regulamentação, fiscalização, organização das atividades diárias e das corridas, havia ainda o trabalho da administração, que demandava muito tempo e pessoal especializado. Dentro do hipódromo, ocorriam atividades de negócios, assim como nos demais prados gaúchos, como destaca Goellner; Mazo (2010): “[...] homens e mulheres compareciam para ver e serem vistos. Desfilavam com elegância, faziam apostas, excitavam-se com os páreos, negociavam, divertiam-se, rompiam com a rotina” (p. 179). No hipódromo riograndino não era diferente, no entanto havia outros eventos em que a diretoria promovia relações para além das atividades no local. Um deles chamava-se *A Peixada*, um tradicional jantar que antecedia o grande prêmio cidade do Rio Grande/RS, que demarca uma peculiaridade do município, diferenciando o hipódromo e o grande prêmio das demais competições e hipódromos gaúchos.

Nesta foto aqui estão as festas. Nos grandes prêmios da cidade do Rio Grande eram tradicionais as peixadas, organizadas para os sócios do hipódromo e convidados nas sextas-feiras que antecediam as corridas [...]. (*Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012*).



Foto 3: A tradicional *peixada*, realizada no Clube do Comércio, que antecedia o Grande Prêmio Rio Grande/RS, década de 1970.

Acervo do Sr. José Carlos Bravo. Imagem obtida durante a entrevista – 9/6/2012.

Assim como na história do turfe brasileiro, na fala deste depoente podemos notar quem são os esportistas. Os donos dos cavalos e apostadores tornam-se pessoas mais centrais do que os jôqueis e seus cavalos. São os senhores do turfe, pessoas que centralizam as atenções sem se apresentarem nas pistas. Lucena (2001), olhando para o século XIX, afirma que a prática do turfe combina com a sociedade patriarcal, uma vez que o chefe de família, o Sr. Barão – o chamado *Sportman* –, era o que tinha maior destaque, pois financiava o esporte.

O Sportman destacava-se sobretudo pelo seu estilo de vida que como já falamos num outro momento, a partir de uma coluna de o Sport de 19 de novembro de 1887, começa seu dia com “vermuth ou aperitif, no Cailton”, vai ao Prado e termina saboreando uma “chicara do delicioso Café Oriente”. (LUCENA, 2001, p. 106).

De certa forma, o século seguinte ainda manteve por um tempo a evidência em torno do dono do cavalo.

O cidadão me respondeu ‘é minha. Sabe com quem está falando? Leo Ambravanel Neto, irmão do Silvio Santos’. Assim comecei a trocar animais, eu mandei um potro pra ele e ele me mandou alguns potros e de vez em quando conversávamos e por fim fiz uma troca com ele de égua. E eu mandaria os filhos da égua para serem treinados e ele me ligava todos os fins de ano e me perguntava ‘e aí, meu amigo, nasceu algum craque’? Se fosse cavalo bom, eu mandava pra lá e levava o nome do nosso haras. [...]. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

Para os depoentes, havia duas coisas que aconteciam paralelamente na prática do turfe no hipódromo. Uma era a corrida de cavalos, mais especificamente o ato de o conjunto (jôquei e cavalo) largar do partidor²³ e ultrapassar a linha de chegada, na tentativa de vencer os demais competidores sem qualquer tipo de interferência. A outra era o jogo, ou a estratégia de jogar, que, para o Sr. Bravo, poderia ser a capacidade de adaptação dos animais à pista, ou conforme a estratégia de certo capitão americano nas corridas de galgo²⁴ nos EUA:

[...] A corrida tem o jogo e tem a corrida, que são duas coisas diferentes. Nos EUA tinha as corridas de cachorro, [...] um Capitão do Exército que tinha um cachorro que ganhava sempre, só que não valia mais apostar nele porque todos apostavam, então tu só trocava dinheiro. Assim, um dia ele fez a seguinte manobra, mandou toda a bateria dele, cinco caminhões de soldados, no domingo ir até as corridas de cachorro, mandou os soldados apostar no cachorro, só que deu pros primeiro notas de 100 dólares, fez uma fila enorme. Depois de algumas apostas o caixa não tinha mais troco, e o tempo passou e a grande maioria não conseguiu fazer mais aposta, e a corrida aconteceu e somente aqueles primeiros que conseguiram fazer a aposta ganharam e ganharam um bom dinheiro. Inclusive o dono do cachorro. Porque naquele dia deu dez por um foi o dia que menos apostaram no cachorro. Isto que te conto faz parte do jogo [...]. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

Para que a corrida e o jogo se mantivessem, a diretoria do Jockey Clube riograndino adotava medidas importantes. Na tentativa de aumentar o público e o fluxo

²³ “É um espaço de quinze metros onde os parceiros (corredores) num vai-e-vem nervoso procuram se acertar para a largada” (MACHADO, 2012, p. 100).

²⁴ “Cão pernalto e esguio, próprio para a caça de lebre”. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/galgo> . Acesso em: 12 fev. 2013.

de apostas e, conseqüentemente, alavancar a renda do Jockey Clube, foram realizadas algumas estratégias com a finalidade de motivar os apostadores, como a de aumentar o valor das premiações. Porém tal tática teve efeito contrário. Segundo os depoentes, na década de 1990 a situação financeira do hipódromo sentia uma forte desaceleração com a diminuição do fluxo de aposta.

Até 1990 foi, até 1995 foi o auge, depois que a coisa ficou ruim, aí foi decaindo, decaindo e deu no que deu, mas até 1995, isso aqui era demais [...]. (Entrevista – Sr. V. P. Silva, Caco – 14/4/2012).

Isso aconteceu, segundo os depoentes, ainda que existisse uma rede de associados ao hipódromo que cumpriam o pagamento apenas da “joia”, não havendo cobrança de mensalidade por parte da diretoria do hipódromo, agravando a situação por não possuir um lastro fixo rentável.

O problema do hipódromo foi que se pagava mais comissão e havia menos movimento, ou seja, se tirava 15% e por último estávamos pagando 30% de comissão e deveria ser ao contrário: quanto menor o movimento, menores comissões a pagar. [...] O pessoal jogava igual, o presidente o Dr. Felício, era uma pessoa tão bem intencionada e trabalhava muito em prol do turfe, que todos mensalmente, se esforçavam pra organizar e participar das corridas, mas naquele momento ele discordou de mim e “acho” que poderia pagar naquele aumento de prêmio que ele havia anunciado. Ele fez uma declaração e eu fui contra. Tínhamo-nos um caixa, o Senhor Maia que sabia tudo de Jockey Clube e tinha uma boa vivência de caixa e nós já havíamos combinado em subir os prêmios, mas não os valores que o Dr. Felício havia anunciado [...]. (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

O fim do turfe no hipódromo

A tentativa (frustrada) de *marketing* e a estratégia de aumentar os prêmios, conforme destacado, são fatores que podem ter contribuído para o fim do turfe no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. São pistas para entender as condições que levaram a ruínas o espaço que foi palco de um dos mais importantes esportes nacionais.

Outros fatores estiveram igualmente implicados no seu fenecimento, tais como: a diminuição dos lucros das corridas; a menor circulação de dinheiro dentro do

hipódromo; os gastos com atividades que constituíam festividades e jantares não indenizáveis por parte dos convidados do universo da diretoria do hipódromo. São elementos muito vinculados às questões econômicas, da ordem do jogo, do negócio, mas não exatamente pelo término das corridas de cavalos.

[...] o culpado da derrota não é ninguém, são as condições que estavam o Jockey Clube, pois os associados não pagavam nada e havia festas e gastos e não havia uma contribuição mensal, uma cota e havia contas e gastos cada vez maiores. Não havia condições do Prado se manter. [...] (*Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012*).

Além disso, similar ao que apontaram Pereira; Mazo (2010), quando destacam que a crise do turfe em Porto Alegre está relacionada a uma série de fatores, o declínio do turfe e a extinção do hipódromo riograndino também estão vinculados à emergência de outras práticas de lazer na cidade, como as casas de apostas e a transmissão das corridas pela televisão.

Essas transmissões foram introduzidas no próprio hipódromo com a intenção de aumentar o fluxo de pessoas, mas aparece na fala dos depoentes como uma das causas do seu declínio. O deslocamento do turfe praticado presencialmente para um turfe mediado pela televisão dá contornos de espetacularização a essa prática.

Já na década de 80, no ano de 1986 eu fui à Europa com um pessoal de São Paulo, todos ligados ao turfe. E comecei a participar do turfe em vários lugares, Rio Grande, Porto Alegre, Pelotas [...] eu trouxe para Rio Grande as corridas de cavalos de São Paulo, coloquei na sede lá fora uma agência das corridas virtual, transmitidas pela antena parabólica, onde fazíamos apostas, lá dentro da parte social do clube, ainda no hipódromo. E isto ocorria paralelamente com as corridas do hipódromo. [...]. (*Entrevista – Sr. Marley Rodrigues de Oliveira – 16/6/2012*).

Outra situação que contribuiu para o encerramento das atividades no hipódromo está ligada às decepções dos turfistas quanto à desregulamentação do espaço. Conforme destacam os depoentes, era cada vez mais comum a prática de certas regalias a determinados turfistas, aguçando o desinteresse pelas coisas do hipódromo:

[...] Foi quando começaram a desrespeitar as normas, as regras, os regulamentos do Jockey Clube e terminaram. E assim, começaram a abusar, levava o cavalo a hora que queriam, corriam quando queria, essa desorganização começou a desmotivar quem vivia ali. [...] (Entrevista – Sr. José Carlos Bravo – 9/6/2012).

Por fim, aliados a esses aspectos, também podem ser mencionados: a diminuição do associativismo atrelado ao declínio da participação em clubes sociais; a falta de uma geração que renovasse os associados do hipódromo, demarcando que não havia garantias de que o gosto por esse esporte passasse de geração para geração.

[...] Em minha opinião foi a falta de renovação, foram morrendo os velhos e não se renovou o público do turfe e culminou com a falta de interesse dos jovens, como muitas coisas que terminaram na cidade. [...] (Entrevista – Sr. Marley Rodrigues de Oliveira – 16/6/2012).

Em suma, o encerramento das atividades do turfe no hipódromo é creditado a um conjunto de elementos de ordem financeira, midiática, disciplinar, cultural e geracional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De início, cabe salientar que as análises produzidas aqui não são tomadas como resultados finais ou definitivos, mas apontamentos que poderão ser alvo de futuras investigações ou abordados sob diferentes objetivos, fontes, metodologias, pois a memória social está e permanecerá em construção.

Entendemos que o presente trabalho define o hipódromo com um espaço predominantemente de lazer que abriga um turfe construído, na sua grande maioria, por interesses envoltos ao jogar e ter a sensação do risco de ganhar e/ou perder; a possibilidade de ver e poder ser visto, o fato de estar na vitrine da sociedade riograndina; uma oportunidade para também fazer bons negócios, ou ainda o gosto para apreciar as corridas de cavalo.

Ainda cabe ressaltar que os depoentes deixam transparecer um sentimento de amor pelo cavalo que os aproximou do hipódromo e do turfe. Sentimento provocado ainda na infância e não necessariamente vindouro das relações familiares.

[...] Eu sempre tive cavalos, hoje eu contava para um rapaz, eu tenho 84 anos e aos quatro anos eu ganhei uma petiça que meu pai me deu de presente, e depois disso eu nunca mais saí um dia sequer de perto dos cavalos, sempre na volta deles. Eu saía de casa, quando volto, não importa a hora que seja, eu vou até o galpão e vou ver meus cavalos. Tenho adoração por cavalos. São 80 anos perto dos cavalos. Quando eu tinha quatro anos, todos os dias eu fazia os meus irmãos mais velhos me levar até a petiça para que pudesse vê-la. Depois ela ganhou um potranco, criamos, cuidamos para carreira e depois nunca mais saí do lombo do cavalo [...] (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jójóia – 4/5/2012).

Tais sentimentos parecem aflorar com a destruição do hipódromo. As ruínas projetam memórias que, ao longo do trabalho, mostravam um entrelaçamento da vida pessoal com a história daquele lugar. O *templo* representa para alguns a constituição familiar, os ganhos de um sustento que proporcionou a constituição e a sobrevivência de várias famílias. O fechamento do prado significa o fim de um ciclo no qual eles tiveram a possibilidade de participar de seu ápice, na década de 1970, fazendo parte da construção da história do hipódromo, por vezes misturando com suas próprias vidas.

[...] eu tenho paixão pelo turfe, por isso eu digo que eu não posso nem olhar pra lá, cada batida que aquelas máquinas dão lá parece que me toca no coração [...] (Entrevista – Sr. Luis Carlos Lima, Jójóia – 4/5/2012).

Outra questão importante se apoia no gosto pelo jogo, no risco das apostas, na possibilidade de participar de grandes movimentações financeiras, aparecendo no cenário social com a referência de uma sociedade forte e conceituada, sem falar nos negócios e nas possibilidades de ganhar dinheiro. Parece-nos que as pessoas deslocaram durante muito tempo suas atenções mais para o jogo, para as apostas, do que especificamente para as disputas entre os cavalos. Isso pareceu mais evidente quando, no início dos anos 90, os aficionados pelo turfe se desinteressaram pelas coisas da pista

e passaram a preferir reuniões em agência de corrida virtual para assistir os páreos pela televisão e participar de apostas. Certamente esse foi um fator preponderante para a falência do turfe praticado no hipódromo, mas não o único.

Averiguamos que as causas do seu fechamento estão relacionadas a uma comunhão de acontecimentos e ao próprio contexto sócio-histórico da cidade, no qual se inclui a descentralização das práticas esportivas e de lazer somada a não dependência do associativismo para que as mesmas ocorressem²⁵. Até então, durante meio século, o hipódromo sustentou toda uma cadeia econômica, laboral e de divertimento (os dias de páreo e as festas) tanto para a população local quanto para toda região sul do país, produzindo redes de sociabilidades e de negócios.

A falta de renovação das pessoas que geriam, viviam e apostavam no turfe do hipódromo riograndino também foi desencadeada pelo interesse das novas gerações em outras práticas que carregavam as singularidades do lazer esportivo e cultural da cidade. Exemplo disso era o desempenho exitoso de algumas equipes do município pelas quadras poliesportivas do estado entre os anos de 70 e 80²⁶, ou ainda as atividades voltadas para o balneário Cassino²⁷.

²⁵ De acordo com os depoentes, o encerramento das atividades do hipódromo é simultâneo à diminuição das práticas de lazer em outros clubes da cidade, como o então jogo de carteadado que acontecia no Clube do Comércio. Um deles, o Sr. Marley, diz que trocou o turfe pelo pôquer, pois para jogar, precisava apenas juntar um grupo de parceiros que gostava do jogo e tinha dinheiro para apostar.

²⁶ Nesse período, algumas equipes esportivas da cidade estavam em evidência por suas conquistas. No basquetebol, o Clube de Regatas Rio Grande foi campeão estadual masculino adulto em 1967 e 1973, além de vice-campeão de 1968 a 1972. O mesmo clube, na categoria juvenil masculino, conquistou o título nos anos de 1968 e 1971. Ainda no basquete, o Ipiranga Atlético Clube destacou-se no mesmo período, sendo campeão juvenil masculino em 1974 e adulto em 1976. Esse mesmo clube, com sua equipe masculina de futsal foi duas vezes vice-campeã estadual (1980 e 1981), enquanto que o Bossa Nova, outra equipe do município, já havia sido campeã em 1974.

²⁷ No que tange as atividades voltadas para o balneário Cassino, vale destacar que Souza *et al.* (2012) localizam na passagem da década de 70 para 80, as movimentações da prática do surf pelos chamados “surfistas das antigas”. Junto com esse movimento, um grupo de skatistas também aparece entre a cidade e o balneário, exercitando suas primeiras práticas a partir da confecção dos skates com material não especializado (TEIXEIRA, 2014).

Para concluir, nesta pesquisa priorizamos trabalhar com lembranças advindas da pista, do pavilhão, das cocheiras e da diretoria as quais, justamente por serem envoltas numa aura simbólica, transformam a materialidade do hipódromo num “lugar de memória” (NORA, 1993), e sinalizam o pertencimento instituído entre esse lugar e a cidade de Rio Grande/RS.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. S. Patrimônio e Memória: dimensões do estádio de futebol do Maracanã. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO, 14, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276651270_ARQUIVO_PatrimonioeMemoriaoMaracana.pdf. Acesso em: 13 fev. 2013.
- DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- GOELLNER, S. V. A importância do conhecimento histórico na formação de professores de Educação Física e a desconstrução da História no singular. **Kinesis**, Santa Maria, v. 30, p. 37-55, 2012.
- GOELLNER, S. V. Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 199-207, 2003.
- GOELLNER, S. V.; MAZO, J. Z. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, Victor Andrade de. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (Coleção Sport História).
- LUCENA, R. F. **Esportes na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- LUCENA, R. F. Esporte, cidade e modernidade: Recife. In: MELO, Victor Andrade de. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (Coleção Sport História).
- MACHADO, N. F.. **Vocabulário do cavalo campeiro**. Porto Alegre: Martim Livreiro, 2012.
- MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2011.

MELO, V. A. Esporte, Cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: _____. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos, XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (Coleção Sport História).

MELO, V. A. **Dicionário do esporte no Brasil**: do século XIX ao início do Século XX. Campinas: Editora Vanguarda, 2007. (Coleção Educação Física e Esportes).

MELO, V. A. Porque devemos estudar História. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 2, n. 8, Dic. 1997. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd8/vam8.htm> . Acesso em: 21 jan. 2013.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **Projeto História**, n 10, São Paulo: Editora da PUC-SP, 1993. p. 7-28.

PEREIRA, E.; SILVA, C. da; MAZO, Janice . O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. **Lecturas Educación Física y Deportes** (Buenos Aires), v. 15, p. 1-15, 2010.

PEREIRA, E.; MAZO, J. Z. O turfe em Porto Alegre/Rio Grande do Sul: aspectos históricos de uma prática cultural esportiva. **EFDeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, v. 15, n. 150, Nov. 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd150/o-turfe-aspectos-historicos-de-uma-pratica-esportiva.htm> . Acesso em: 13 fev. 2013.

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. Seleção de textos Alessandro Portelli e Ricardo Santiago; Tradução Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, v. 14, 1997.

SOUZA, Thiago *et al.* Partiu pro Surf: memórias e amizades na Praia do Cassino/RS. **Revista Didática Sistemica**, Edição Especial, n. 1 – Evento Extremos do Sul II, Universidade Federal do Rio Grande/RS, 2012. Disponível em: < >. Acesso em: 3 abr. 2014.

TEIXEIRA, J. C. **Memórias da Prática do Skate em Rio Grande/RS: geopolíticas, arquiteturas e skatistas**. 2014. 61f. Trabalho de Conclusão Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

Endereço dos Autores:

Gustavo da Silva Freitas
Rua Agenor Oliveira Costa, 382 – Bairro Cassino
CEP: 96205-280 – Rio Grande/RS
Endereço Eletrônico: gsf78_ef@hotmail.com